

Meus Meninos

Os homens desta casa debandaram. Primeiro, meu pai fugiu com uma vizinha, bem mais moça que ele, e ninguém sabe onde mora. Meus irmãos foram trabalhar em São Paulo e não sei se morreram ou estão vivos. Meu marido morreu de tanto beber e eu fiquei sozinha com minha mãe, tentando não morrer de fome, cosendo panos cada vez mais fracos, remendando trapos sempre mais rotos. Ela, a pobre, estufando os olhos de tanto soprar esse ferro de brasas que lhe consome mais do que dá. Eu, sem forças para isso, me conformei com essa desgraça silenciosa, com o que faço, quase no escuro para me resguardar melhor, com a esperança de que os homens que eu recebo não saibam direito quem eu sou, como se isso fosse possível aqui neste fim de mundo de tão poucas telhas.

Tenho a impressão de que esse cubículo tem paredes de vidro e que todos me olham quando recebo os homens. É por isso que gosto do escuro.

Já tive nojo. Me sentia como um saco de mendigo, um sanitário público onde os homens vêm jogar a sua gosma e, indiferentes, atiram uma moeda ao porteiro. Hoje acho que é só impaciência e resignação. Esses poucos minutos duram demais. Às vezes sinto também uma certa piedade quando vejo neles as carnes tremendo na expectativa de minhas carnes indiferentes; aquele cuspe viscoso queimando no saco entre as pernas; a respiração forte como se fossem ter um ataque. Como são fracos os homens nessa hora! Esperneiam, babam, gemem, gritam e caem desfalecidos como bonecos quando acaba a corda.

Será que minha mãe dorme no seu quarto ao lado? Será que não acorda quando as ripas deste lastro rangem? Saber, eu sei que ela sabe. Quando anoitece ela não vem nesta parte de trás. É como se houvesse um muro de vergonha dividindo a casa ao meio. Sei que ela sabe mas não quero que ouça. Sei que sabe, não porque seja calada e triste, que isso é por causa da nossa fome e da vida que levamos; ela sabe porque os bocados que comemos lhe incham na boca e, como se amargassem, lhe fazem marejar os olhos de lágrimas.

Mas como viver se não for assim? Sem esse dinheiro sebento, amarrotado, surrupiado de uma outra vida quase tão miserável como a minha, como continuar vivendo?

Mas isso não é nada. Pior é a humilhação de não responderem meu bom-dia na calçada; justamente aqueles que mais babam no meu pescoço, mais tremem, mais se humilham se lhes recuso meu sexo. São sujos esses homens! Barbas fedendo a sardinha, corpos ensebados, hálitos de cachaça e fossa. São assim os homens que me visitam. Não gosto deles. Gosto mais

dos velhos. Não mordem nem arranham. Quase não fazem escândalo. Parecem até pedir desculpas por virem aqui. É como se eu estivesse brincando com meu avô. Acho que vêm para tirar um pouco de calor do meu corpo. Querem mais a quentura da minha pele do que a umidade do meu sexo. Alguns até se emocionam se eu aliso um pouco seus cabelos.

Mas a compensação vem dos meninos. Os meninos quando vêm, quem se emociona sou eu. Às vezes choro. Não de vergonha ou pudor, mas de alegria. Eles é que me dão o calor que eu passo para os mais velhos. Não me viram a cara na rua. Me olham com carinho, riem do que imaginam ser nosso segredo. Eu os abraço como se fossem filhos aos quais não se dissesse o que é pecado. E cheiram. Cheiram a capim, queijo fresco, a gente. Com eles é como se fosse uma brincadeira. Com eles é uma coisa que não mancha, que não marca com o ferro da vergonha ou do pecado.

Mas todos vão mudar. Os homens vão amansar com a velhice; as crianças vão aprender a tremer como todos os outros. Mas sempre haverá velhos e crianças. Eu vou murchar e parar com tudo isto. Vou rezar muito, me escapular dos olhares carregados com o meu passado, me arrumar para a morte e afundar na areia mole da necessidade. Só espero o milagre de não ter que mendigar para continuar vivendo. Não quero que me sustentem aqueles que me olham com indiferença. Vou ter medo que me cusпам na sacola; que me joguem esperma na palma da mão, como se eu estivesse esmolando com meu útero, exposto às moscas e à piedade alheia.